

Um grande aviador revela o que se passou em sua mente quando, como piloto de combate "acidental", na Segunda Guerra Mundial, êle "partiu para matar"

A IGREJA NA ALÇA DE MIRA

Charles A. Lindbergh

COM AS ARMAS carregadas e os anéis de mira brilhando ao sol nossos quatro Corsairs pairam como falcões por sôbre a região em poder do inimigo. Embaixo ficam os montes cobertos de florestas da Nova Irlanda; adiante, os vulcões violáceos de Rabaul. Alhures, nossos olhos esbarram com uma confusão de nuvens, céu e água azul do Pacífico. Estamos voando a 2.400 metros de altura. Nossos aviões têm sua base num campo de pouso aberto numa região coralina das ilhas Verdes—640 quilômetros a leste da Nova Guiné, quatro graus ao sul do equador.

São 22 de maio de 1944. É a minha primeira missão de combate. Meus sentidos estão livres das calosidades produzidas pela rotina cotidiana. Esta manhã êles despertaram gritando que eu ia partir para matar e correr o risco de morrer; que, à

semelhança do homem das eras primitivas, seria ao mesmo tempo caçador e prêsas. Dentro de mim, a percepção civilizada e o instinto bárbarico misturavam-se formando uma liga ainda não experimentada. Desde a alvorada, tôdas as coisas que me cercavam—o ar que respirava, o chão que pisava, as próprias árvores da selva—adquiriram qualidades novas de beleza e de perigo.

Lá estava a graciosa curva da asa do meu avião de combate, quando subi para bordo antes de decolar, atestando a divina faculdade criadora do homem. Havia o volume incômodo da minha pistola a comprimir-me o peito e a lembrar-me o nosso diabólico poder destruidor. As copas aglomeradas dos coqueiros desfiliavam para trás enquanto meu trem de pouso recolhia e a minha velocidade aumentava. A fôrça de 2.000

cavalos impelia-me em direção ao céu, para o reino sôbre-humano da aviação, até que uma voz em meu receptor gritou: “Preparem suas armas!”

Agora nossos quatro aparelhos voam bem afastados uns dos outros, em formação de combate. Ao pé daqueles montes lá embaixo, escondidos no tapête de fôlhas e ramos de espêssa floresta, estão nossos inimigos—homens de língua e idéias diferentes, mas dotados de corpo e cérebro semelhantes aos nossos. Sabemos que seus binóculos estão dirigidos para nós, que suas baterias carregadas nos antecederão em nossa corrida. A qualquer momento negras rajadas podem romper esta atmosfera clara como cristal. Estamos como os animais naquela floresta—prontos para saltar sôbre nossa prêsa; alerta para que não saltem sôbre nós. Desvaneceu-se repentinamente o encanto do vôo. Vejo com olhos condicionados à guerra—voamos em aeroplanos de aspecto malvado, tripulados por pilotos desumanos, feitos para matar, adestrados para matar, ávidos de matar.

A 3.000 metros inclinamos nossas asas e circunvoamos a cidade de Rabaul, esburacada pelas bombas. Seu pôrto está atravancado de navios afundados—monumentos a bombardeios anteriores. Uma única rajada de fogo antiaéreo, alta e disparada a êsmo, anuncia a nossa chegada.

Os bombardeiros pesados B-25 do Exército enxameiam no céu acima de nós. Estão chegando do oeste

aviões torpedeiros da Marinha. Bandos de P-40 de combate voam alto, em cobertura. Começou o ataque. A muito menor altura, os monomotores de caça Airacobras mergulham sôbre os seus alvos. Nuvens negras de fogo antiaéreo pontilham o ar.

O rádio só faz tagarelar: foi assinalada no mar uma balsa salva-vidas e está chegando um hidroavião para socorrer o homem abatido. Viramos para o sul. Colunas de fumaça e chamas produzidas por grupos de bombas incendiárias de magnésio sobem como cogumelos . . . um depósito de combustível do inimigo. O rádio anuncia um avião de combate inimigo. Mergulhamos. É apenas um P-39, desgarrado da esquadrilha, receoso de que o tomemos por um Zero.

Desapareceram os B-25. Vejo os aviões torpedeiros se reagrupando ao largo do mar. Um traço de fumo assinala um que foi atingido; provavelmente cairá antes de alcançar a base.

Terminou o bombardeio, os céus de Rabaul estão desertos. No solo arde uma dúzia de fogueiras. Como as nossas caixas de munições ainda estão cheias, temos alvos a bombardear antes de voltar para casa.

Duque de York é uma ilha situada no canal entre a Nova Bretanha e a Nova Irlanda. Nela foi construído um campo de pouso japonês. Nas proximidades da base há diversas aldeolas onde, segundo diz o nosso serviço de informações, se acham aquarteladas tropas inimigas. Aviões

de patrulhamento receberam instruções no sentido de bombardearem impiedosamente aldeias e se guardarem das armas de terra. Que é feito dos nativos? "Há muito se refugiaram nas montanhas."

Baixamos sôbre as palmeiras e subimos 150 metros para iniciarmos as nossas incursões. Vejo uma fileira de cabanas no meu aparelho de pontaria e despejo fogo de enfiada através delas, enquanto ergo o nariz do avião . . . poeira que se levanta . . . fragmentos saltando . . . projetis incendiários ricocheteando em tôdas as direções . . . cuidado com as palmeiras . . . horizontalizar . . . voar rasante para que as baterias inimigas não possam seguir-nos.

Desfazemos a formação. Agora cada aparelho está por conta própria. Viro para a costa. Encarapitada num rochedo há uma construção com paredes de colmo; ao lado dela, barris de aço. Deixo minhas balas cortarem o ar até que chego a uns 100 metros de distância . . . inclino para a esquerda . . . outra fileira de cabanas . . . uma breve rajada . . . circular para voltar à base.

Ganho altura para localizar minha posição . . . mergulhar para evitar as metralhadoras inimigas . . . centralizar um edifício na alça de mira . . . apertar o gatilho . . . não! . . . *um campanário!* . . . *uma igreja!* . . . *suspender fogo* . . . *puxar o manche* . . . Os Corsairs, caças monomotores da Marinha Americana, estão-se reunindo ao largo do mar. Junto-me a êles e empreendemos o regresso à base.

Minhas rodas tocam no chão às 12 h 30 m; a missão durou três horas e 40 minutos.

A fúria estrepitosa da nossa guerra é substituída pelo silêncio tropical, úmido e opressivo. Lambuzo o pescoço com um insetífugo e sento-me numa caixa de granadas. Não consigo esquecer aquela igreja. Campanários não combinam com alças de mira. A idéia de Deus é antagônica à idéia da guerra.

—Hoje quase fiz fogo contra uma igreja—disse eu a um jovem capitão dos fuzileiros.—Reconheci-a em tempo.

—Oh! Refere-se àquela igrejinha na ilha Duque de York?—disse êle, rindo.—Nós a bombardeamos em tôdas as missões. Os nipões usavam-na como quartel.

Presumo que os nossos inimigos dizem o mesmo sôbre as igrejas que destroem. Ambas as partes encontram desculpas para fazer tudo o que querem em guerra, e é sempre "o outro" quem pratica a primeira atrocidade. Se Deus tem sôbre o homem o poder alegado por Seus Discípulos, por que permite a guerra? Como pode alguém voltar da guerra e crer que um Deus todo-poderoso deseja "paz na terra e boa vontade entre os homens"? Somos tentados a pôr em dúvida a extensão do poder divino. Somos tentados a duvidar da própria existência de Deus.

Um hálito de vento agita as fôlhas das palmeiras. As ondas do Pacífico quebram-se mansamente na praia da ilha. Meus pensamentos dão meia volta ao mundo, transportando-me

até ao meu lar. Acho difícil situar-me no espaço e no tempo. Minha família está quase de cabeça para baixo em relação a mim, e para ela se aproxima o dia em vez da noite. Meu lar não está na direção que meu braço apontaria, para as bandas de nordeste; está realmente debaixo dos meus pés. Imagino-me a olhar através da terra para as solas dos sapatos de meus filhos.

Mas êste solo úmido que meus pés estão pisando não está, para o senso infantil, embaixo de mim; é uma parede vertical de terra, girando a mais de 1.600 quilômetros por hora. Sòmente uma fôrça misteriosa, chamada gravidade, me dá a sensação de estabilidade e me impede de ser precipitado no espaço. Precipitar-me no espaço . . . em direção a que estrêla? Onde é para cima, ou para baixo, na vestidão dos céus?

O alto para meus filhos e o alto para mim são agora direções opostas. Não existe um plano universal que se possa tomar como têrmo de referência; planêtas rodopiando em torno de bolas de fogo, sóis precipitando-se com velocidades celestes . . . precipitando-se para onde? Continuarão assim para sempre? Seguirão alguma prodigiosa órbita própria? Como pode ser infinito o universo? Mas o que poderia haver além do seu fim?

Perscruto os ínvios espaços onde a luz, saltando para a Lua enquanto um homem dá um passo, viaja durante bilhões de anos entre galáxias de estrêlas, onde tôda a duração da vida na Terra nada mais é que um

momento do tempo celeste; onde há calor para vaporizar o carbono, frio para liquefazer o ar, o nada imensurável, a substância da qual proveio o mundo e o homem também. Como foi criado êste universo? O que fêz as leis que o regem—a perfeição matemática, a complexidade de minúcias, a simplicidade do plano, a importância de um mero átomo, a trivialidade de um milheiro de estrêlas?

São os homens também rigorosamente limitados de compreensão, como os insetos que rastejam e zumbem à minha volta? Amplia-se sempre a inteligência, como o espaço, enquanto a vida se desenvolve em formas cada vez mais elevadas? E se existe uma escala graduada de conhecimento, que marca alcançaram os sêres humanos? Em grandeza mental e física, corresponderia a diferença entre o inseto e o homem à diferença entre o homem e Deus? Talvez Deus não possa ser avaliado com medidas terrenas; talvez Êle prefira não ter forma nem tangibilidade.

Mas o poder e o plano aí estão, manifestos nas órbitas dos céus, na gravitação terrestre, na existência do ôlho e do espírito humanos.

Um motor tosse e ronca. Levanto-me da caixa de granadas e me dirijo para minha tenda. Onde, na vida, no espaço e na matéria, haverá lugar para a guerra? Como justificar uma igreja numa alça de mira? É a luta uma parte essencial do plano universal? Ou encontrará o homem, evoluindo, um caminho que conduza à paz mundial?